



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS

CAMPUS DO MALÊS

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

FELISBERTO JÚNIOR PEDRO BACURIM

**A CAMINHO DE UNHOCOMO: UM ESTUDO SOBRE
COSMOLOGIA BIJAGÓ E A RELAÇÃO DA VIDA COM A
MORTE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA

2018

FELISBERTO JÚNIOR PEDRO BACURIM

**A CAMINHO DE UNHOCOMO: UM ESTUDO SOBRE
COSMOLOGIA BIJAGÓ E A RELAÇÃO DA VIDA COM A
MORTE**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),
apresentado à Instituto de Humanidades e Letras da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Humanidades, sob a orientação de Dr. Rafael
Palermo Buti.

SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA

2018

FELISBERTO JÚNIOR PEDRO BACURIM

**A CAMINHO DE UNHOCOMO: UM ESTUDO SOBRE
COSMOLOGIA BIJAGÓ E A RELAÇÃO DA VIDA COM A
MORTE**

Este projeto de pesquisa foi apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

São Francisco do Conde- BA, 30 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Rafael Palermo Buti

Orientador/a – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profª. Dr. Karl Gerhard Seibert

Examinador/a – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profº. Dr. Profº. Dr. Pedro Acosta Leyva

Examinador/a – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 – O mundo Bijagó, as Ilhas e Nindo.....	6
2. HIPÓTESE.....	8
3. OBJETIVOS	9
3.1 OBJETIVO GERAL	9
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
4. JUSTIFICATIVA.....	9
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
5.1 Ritos de Passagem e cerimônias Fúnebres	10
5.2 As cerimônias do enterro	11
5.3 As cerimônias do djongago.....	13
5.4 Katabá, C. tchuru: as cerimônias do luto	14
5.5 A Morte Bijagó e a ilha de Unhocomo.....	15
5.6 Outros estudos sobre a morte.....	16
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
7. CRONOGRAMA.....	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, de orientação etnográfica, pretende estudar cosmologia Bijagó com foco na relação entre a vida e a morte, tomando como referência os ritos funerários de passagem para o mundo dos ancestrais. Por cosmologia compreendemos ser “a busca por entender as origens, a história da terra e do universo. Numa perspectiva humanista, é uma das características exclusivas dos seres humanas” podendo ser considerada “um dos aspectos que nos diferenciam dos animais” (KRAGH *apud* HENRIQUE, 2011, p. 68).

Para compreendermos alguns aspectos do mundo na cosmologia do povo Bijagó e a relação dos vivos com a morte, faremos uma caracterização sobre os Bijagó, aspectos de sua visão de mundo com foco na sequência de criação do cosmos.

1.1 – O mundo Bijagó, as Ilhas e Nindo

Os Bijagós fazem parte da composição do mosaico diversificado dos povos que se encontram na Guiné-Bissau, localizando-se majoritariamente em sua zona insular, em um conjunto de ilhas conhecida como arquipélago dos Bijagós. Este arquipélago cobre uma superfície de cerca de 1.625 km² e, é composto por 88 ilhas, das quais somente vinte e uma são habitadas. Em 1996 foi classificado pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) como Reserva Ecológica da Biosfera. O conjunto das ilhas que formam o arquipélago está dividido em cinco zonas geográficas: 1. Leste: as Ilhas Galinhas, Canhabaque, Soga, Rubane e Bubaque; 2. Sul: Orangozinho, Meneque, Canogo, Orango Grande; 3. Oeste: Uno, Uracane, Eguba, Unhocomozinho e Unhocomo; 4. Noroeste: Caravela e Carache; 5. Nordeste: Formosa, Ponta e Maio. Administrativamente, a região de Bolama-Bijagós encontra-se dividida em quatro sectores, sendo estes: Bolama, Bubaque, Caravela e Uno. Em cada sector encontra-se um administrador de sector e um governador para toda a região.

Como salienta Simões:

O povo Bijagó está dividido em quatro grandes famílias, primitivamente ocupando quatro grupos de ilhas, mas hoje dispersas por eles, mantendo, todavia, as suas tradições da nobreza. Dizem-se descendentes dos quatro

primeiros habitantes do arquipélago, dos quais lhes ficaram os nomes *Orakuma*, *Ominca*, *Ogubâne* e *Oragá* (SIMÕES, 1972, p. 146).

Ao nascer, um Bijagó necessariamente pertence a uma dessas linhagens: *Orakuma*, *Ominca*, *Ogubâne* e *Oraga*, sendo, portanto, descendentes dos quatro primeiros habitantes ancestrais.

Segundo Cardoso (2000, p. 90), o termo Ojoco é o nome original dos Bijagós, que significa pessoa ou indivíduo, em oposição aos "irracionais". Conforme o saber Bijagó, todas as pessoas que não se comportam de forma racional, decente e conveniente não podem ser um Ojoco, não pertencendo, por isso, ao grupo humano, mas ao reino animal. O termo Bijagó é uma corruptela que se disseminou na Guiné-Bissau durante a invasão europeia. Na visão de Cardoso, o sentido do vocábulo Bijagó diz respeito à sensatez, hospitalidade, solidariedade, lealdade e racionalidade.

Por outro lado, há um fato reparável em diversos povos da Guiné-Bissau: a maior parte dos mesmos tem, além de um nome autodeterminado, um outro oriundo de uma heterodeterminação. Por conseguinte, o povo Bijagó não desviou deste itinerário. Segundo Scantamburlo (1978, p. 14), os Bijagós autodenominam-se Iadjoco (o povo, o povo perfeito) e também Iabaga. No entanto, por ocasião de contatos com outros povos pesquisadores, antropólogos, comerciantes, missionários e demais, receberam nomes diferentes, como: Bigiohos, Bijagós, Bissagots, Bijuga, Bujagós ou Sinjás, Bijagoz, Bidjogo ou Bidyogo. Actualmente são denominados Bidjugu ou Budjugu em crioulo e Bijagós em português.

Ao reportar-se sobre a criação do mundo, Kipp salienta:

A vida começou assim: Nindo (ser supremo), o Criador, existiu sempre, e no início da vida, foi criada a primeira ilha – a ilha de Orango – que era o mundo. Mais tarde chegou um homem e sua mulher de nome Akapakama. Eles tiveram quatro filhas a quem deram os nomes de Orakuma, Ominka, Ogubane e Oraga. A seguir surgiram os animais e plantas. Cada uma das filhas de Akapakama teve por sua vez, vários filhos, os quais receberam por parte do avô direitos especiais. Os de Orakuma receberam a terra e a direção das cerimônias nelas realizadas, bem como o direito de fazer as estatuetas do Irã, tendo sido a primeira executada por Orakuma e feita à imagem de Nindo. Este direito seria também dado por Orakuma, suas irmãs. Os de Ominka receberam o mar e passaram a ocupar-se da pesca. Os de Oraga receberam a natureza com as bolanhas e as palmeiras, o que lhes daria riqueza. Os de

Ogubane receberam o poder da chuva e do vento podendo desencadeá-los, controlando assim o sucede das épocas da seca e das chuvas. Assim, as quatro irmãs desempenhavam funções diferentes, mas que se complementavam. É esta a razão que, segundo a lenda, explica o papel muito importante que as mulheres desempenham na sociedade bijagó (KIPP, 1994, p. 1).

De acordo com Kipp, Nindo existiu antes da criação do mundo dos Bijagós, de modo que é compreensível a existência da sequência no que se refere à aparição dos seres que ocupam o cosmos Bijagó. Posteriormente, as filhas de Akapakama beneficiaram-se dos direitos (da terra, do mar, das palmeiras, construção de estatuetas, rituais, etc..) sobre qual cada uma recebe suas funções. Abaixo segue um mapa da localização das ilhas, com destaque a Orango, primeira a ser criada por Nindo.



Figura nº 01 destaca a ilha do Orango¹ com a seta vermelha.

2. HIPÓTESE

Partimos do pressuposto que são necessárias as realizações das cerimônias fúnebres nos bijagós para que a almas dos mortos possam ingressar no mundo dos seus

¹ Orango- foi a primeira ilha criada pelo ser supremo (Nindo), que era o mundo (KIPP, 1994, p. 1).

ancestrais (a ilha de Unhocomo), a fim de viver tranquilamente sem que haja algo pendente no mundo dos vivos. Por outro lado, aqueles que porventura forem considerados feiticeiros no mundo dos vivos, as suas almas não atingirão à ilha de Unhocomo.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar, a partir da perspectiva etnográfica, a cosmologia Bijagó com foco na relação entre a vida e a morte e nos ritos de passagem para o mundo dos ancestrais.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender como ocorrem as cerimônias fúnebres nas sociedades Bijagó.
- Descrever os ritos funerários e os processos cerimoniais de luto dos Bijagó.
- Compreender a relação dos vivos com a Ilha de Unhocomo e Soga
- Contribuir para os estudos antropológicos sobre a temática da cosmologia e da morte

4. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho de pesquisa se justifica para melhor aperfeiçoar o conhecimento sobre a cultura Bijagó, tomando como referência os ritos funerários e a relação dos vivos com o que chamam de Nindo (Ser Supremo) e outras entidades poderosas.

Meu interesse de abordar esta temática surgiu precisamente no primeiro semestre do curso de *Bacharelado em Humanidades*, no qual o nosso docente de *Antropologia e Colonização*, Rafael, pediu para que nós guineenses da turma, nos debruçássemos sobre *diversidade existente entre povos da Guiné-Bissau*, ou seja, a cultura guineense. Por conseguinte, durante a minha pesquisa, deparei-me com o livro

"*Babel Negra*", no qual vi uma descrição social dos diferentes povos da Guiné, enfim, isso serviu-me como base de inspiração e de querer conhecer profundamente o povo em abordagem. Nesta sequência, *Babel Negra* é da autoria do português Landerset Simões (1972), que fez uma descrição de distintos povos que se encontra em Guiné-Bissau. Essa descrição inicia-se desde caracteres morfológicos, índole, adornos, habitação, meios de existência, rituais do casamento, modos de parto, práticas de circuncisão de alguns povos, cerimônias fúnebres, questões da herança, vida política, social e religiosa e prática industrial.

Por outro lado, a pesquisa no seu desenvolvimento irá contribuir na divulgação da cultura Bijagós, em demonstração da concepção cosmológica do mesmo povo e de preservá-la, por isso, servirá também de material didático que contribuirá nos estudos antropológicos, cosmológica, ritual, escatologia, cerimônias funerárias e a morte, ou seja, vai somar com outras bibliografias que poderão auxiliar nas futuras investigações ligadas à temática. Diante disso, será o enorme contributo do ponto de vista de análise do cenário política interna da sociedade acima citada, sobre qual será uma ferramenta para ajudar povo bijagós a ampliar suas visões no que se refere a cosmologia, crenças nos seres poderosos e cerimônias fúnebres.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Ritos de Passagem e cerimônias Fúnebres

Compreender a relação da vida e da morte da perspectiva Bijagó implica trabalharmos com um tema importante à antropologia social. Podemos averiguar que a morte e seus significados variam em relação aos contextos culturais. Um conceito importante para a descrição dos processos associados a morte é "ritual" ou "rito de passagem". De acordo com Rodolpho (2004), os rituais podem ser uma ferramenta conceitual importante para a compreensão e interpretação de determinado grupo social, de seus valores e suas crenças. O rito concede autoridade e legitimidade para organizar a posição, o valor e as visões de mundo do sujeito (RODOLPHO *apud* VAN GENNEP, 2011, p. 1109-1111).

Na visão de Van Gennep (2011, p. 1109-1110), ritos estabelecidos com base no consenso colectivo e dotados de um tempo e de um espaço, caracterizam-se pela necessidade do indivíduo em transformar o mundo a si mesmo, cujo intuito de viver em sociedade. Ainda demonstra que a trajetória dos sujeitos está permeada de constantes passagens de uma posição social para a outra. Gennep considera essas necessidades do indivíduo como "ritos de passagem", destacando-se: a passagem material, os indivíduos e os grupos, a gravidez e o parto, o nascimento e a infância, os ritos da iniciação, o noivado e o casamento, os funerais.

O autor explica com clara evidência que há sempre novos limites a atravessar, uma vez que a vida de qualquer que seja sujeito é composta por um contínuo desagregar-se e reconstruir-se, ou seja, a mudança de estado e de forma seguindo sequências típicas.

Geralmente, os ritos de passagem podem ser desagrupados em ritos de *separação* (preliminares) do mundo anterior, de *margem* (liminares) e de *agregação* (pos-liminares) ao mundo novo. Ou seja, o sujeito indicado a novo mundo passa pela sequência dos ritos de *separação*, de *margem* e de *agregação*. Nesta perspectiva, os ritos podem assumir determinadas classificações: *simpático*, e de *contágio*, *diretos* e *indiretos*, bem como *negativos* e *positivos*.

Os ritos simpáticos se pautam na perspectiva da ação de objetos que possuem certa relação ou proximidade; já o contágio se baseia na materialidade e na transmissibilidade à distância, das qualidades naturais adquiridas. Os ritos são diretos quando têm uma eficiência imediata e automática, já os indiretos dependem da intervenção de um agente para desenvolver um efeito. Os ritos positivos são atos determinados pela vontade, e os negativos, opostamente, são os atos de querer em contrapartida aos positivos.

Importante localizar os rituais fúnebres Bijago como circunscritos aos ritos de passagem, marcados pela separação, margem e agregação ao novo mundo. Façamos uma breve caracterização de três tipos de ritos fúnebres Bijagó descritos pela literatura.

5.2 As cerimônias do enterro

Segundo Scantamburlo, há três distintos ritos funerários realizados pelos Bijagó em fases diferentes: as cerimônias do enterro, as cerimônias do *djongago* (*nawa*) e as

cerimônias do luto (*katabá*). As cerimônias do enterro se realizam oito a dez horas após a morte de uma pessoa, na qual o malgrado é colocado no seio da *tabanca*, na casa do chefe (*ankanoke*), com o rosto posicionado ao poente. O corpo é vestido com uma tanga ou duas saias de palha, conforme o sexo, e é coberto com panos ofertados pelo pai ou pelo irmão mais velho do pai.

Diante disso, o chefe, ou um dos anciãos, senta-se em frente do corpo com o espírito *Orébok* e o grupo dos homens mais velhos fica atrás do cadáver. Portanto, os demais, homens e mulheres se distanciam do corpo, permitindo a formação de um círculo para ofertar alimentos e vinho em frente ao espírito *Orébok*. Neste instante, a mais pertinente prática deste ritual assenta em matar galinhas para que a alma da pessoa morta possa revelar a causa da sua morte. De modo que há diferentes probabilidades e interpretações que aparecem após matarem as galinhas, alinhavadas a seguir:

- Se a galinha saltar em direção da cabeça da pessoa morta (que está sempre colocada entre o espírito *Orébok* e as ofertas), pressupõe-se que essa pessoa roubou alguma coisa.
- Se a galinha pular em direção do cadáver entende-se que alguém causou a morte o morto irá revelar quem é o responsável na cerimônia do *djongago*;
- Se a galinha saltar na margem do espírito *Orébok*², entende-se que a pessoa morta ou alguém da sua linhagem é responsável por algum delito com as cerimônias religiosas. Enfim, o espírito *Orébok* revelará a causa verdadeira da morte.
- Se a galinha saltar para fora do grupo presente no local da cerimônia fúnebre para o meio da palha, presume-se que o morto é responsável pela sua própria morte, porque era um feiticeiro (*obané*). Em suma, neste caso deverá ser enterrado fora da aldeia, na floresta, sem mais nenhuma cerimônia (SCANTAMBURLO, 1978, p. 46-47).

Na perspectiva de Scamtamburlo, o corpo é genericamente enterrado no dia da morte, após o sacrifício da galinha e depois que o túmulo está pronto. Pois, a cova da sepultura é um orifício circular cujo um metro de diâmetro e um metro de profundidade, as pernas estão fechadas e o rosto virado para o poente como se estivesse a dormir. O cadáver ficara colocado numa esteira, na parte da cabeça, são colocados um prato de arroz e outro da água, acompanhado com roupas oferecidas e objetos pessoais. O lugar

² Orebók- Espírito protetor.

da sepultura é preparado pelos jovens, enquanto que, os mais velhos deslocam o cadáver da casa ao mar a fim de banhá-lo. Não há cultura do medo ao morto e isso faz com que os Bijagós dirijam-no as palavras como se o estivesse ainda viva (SCAMTAMBURLO, 1978, p. 47).

Aqui se percebe de modo claro a relevância que a galinha tem no ritual do enterro, que durante a sua movimentação, após ser cortada a garganta, transmite uma série de mensagens ou interpretações com relação a causa da morte. Também, o mesmo é feito para saber se a pessoa morta é responsável pela sua morte, se a morte surgiu por causa de não efetuação de alguma cerimônia, se vem por alguém da sua linhagem e para saber se pode ser enterrada na vila ou na floresta, porque, segundo Scantamburlo (1978), todo Bijagó pode ser sepultado na *tabanca*, com exceção dos feiticeiros que são levados para floresta devido aos seus espíritos malignos. Diante disso, essa abordagem trazemos a seguinte inquietação: A galinha, após ser degolada, é movimentada pelo espírito *Orebók* para saber da causa da morte ou seria a sua movimentação espontânea?

5.3 As cerimônias do djongago

As cerimônias do *djongago* (*nawá*) são realizadas o mais rápido possível quando o morto é jovem ou quando a morte se relaciona com alguma causa misteriosa. Isto é, o ritual é efetuado por todos os que atingiram a puberdade. Em espera de saber quem é responsável da morte, o chefe ou batedor de tambor sagrado realiza a cerimônia cujo intuito é pedir à alma para entrar no *djongago*³. Dentro da estrutura do *djongago* são colocadas folhas e ramos de uma planta extremamente especial, porque creem que pode evocar a alma da pessoa morta, juntamente, com o *unikán urakoko* da *tabanca* (aldeia). Normalmente, estes rituais são realizados no período da tarde, sobre qual o povo se junta no seio da *tabanca* na presença do espírito *Orébok*, juntamente com anciãos oriundos de outras vilas. Os arcos feitos dos ramos de uma planta denominada *eondoni* dão ao *djongago* o aspeto de um caixão, que está sempre coberto de um pano e é transportado por dois homens ou duas mulheres, conforme o sexo do morto. Nesta senda, durante a transportação do mesmo, vai haver agitações misteriosas e, nesta situação, um dos mais velhos vai fazer questionários ao *djongago* sobre a causa da

³ Djongago- é uma estrutura semelhante a um caixão feita de canas de bambu envoltas numa esteira a atadas com cordas feitas com folhas de palmeira. Dentro da estrutura são colocadas folhas e ramos de uma planta especial, que se crê pode evocar a alma da pessoa morta para revelar a causa da morte a todos parentes (SCANTAMBURLO, 1978, p.47).

morte. As respostas, portanto, são compreendidas pela forma como os transportadores do *djongago* se movimentam. Durante a noite do mesmo dia da efetuação destes rituais, o *djongago* vai ser cortado e queimado pelas mulheres da *tabanca*. Contudo, o *unikán urankoko* é guardado para a próxima cerimônia (SCANTAMBURLO, 1978, p. 48).

Percebe-se, neste aspeto, que esta cerimônia é um meio no qual os vivos conseguem comunicar com a alma da pessoa morta, a fim de saber da causalidade da sua morte. Nesta ótica, a questão que se coloca é seguinte: Com a construção do *djongago*, com a sua transportação consoante sexo da morte e com as perguntas colocadas, a alma pode revelar a causa da sua morte sem que seja colocada a planta especial e sem haver o toque do tambor?

5.4 Katabá, C. tchuru: as cerimônias do luto

Segundo Scantamburlo (1972. p. 46-48), as cerimônias do luto⁴ (Katabá, C. tchuru) geralmente são cumpridas praticamente de um mês a um ano depois das do *djongago*. Visto que o povo bijagó acreditam que os mortos continuam a partilhar a vida da *tabanca*, e que os vivos devem tomar conta deles através de rituais. Nesta perspectiva, é um ritual que ajuda a alma a encontrar o itinerário para a terra dos seus ancestrais, de modo que, constitui uma oportunidade para convidar as pessoas ao convívio que proporciona comida, bebida e tabaco e fala-se das virtudes do falecido (SCANTAMBURLO, 1978, p.46-48).

A descrição de Scantamburlo sobre as cerimônias de luto provoca as seguintes questões que pretendemos responder ao longo da segunda etapa do trabalho, afinal quem são indivíduos que devem permear, no seio da família de luto, após a morte de um bijagó? Qual será o prejuízo para o indivíduo e para a alma da pessoa morta, se essa cerimônia não for realizada? Será que a efetuação das cerimônias fúnebres dá acesso à alma ao mundo dos ancestrais mesmo ela não realizando outros rituais?

⁴ Luto- Desde na história dos povos e das civilizações, o luto significou um período mais ou menos longo de dor, de tristeza e de pesar causados pela morte de alguém. E, porque esta dor é sentida de maneira diferente pelas pessoas de acordo com os laços e o grau de parentesco ou ainda com as relações de estima e de amizade que se mantinham com a pessoa quando ainda era viva, são também diferentes as formas como as pessoas manifestam e vivem este período. O trajeto preto é reconhecido nas sociedades ditas modernas e civilizadas como sinal de luto, da mesma forma que o traje branco simboliza o luto nas sociedades islâmicas e islamizadas (CARDOSO, 2004, p. 21).

5.5 A Morte Bijagó e a ilha de Unhocomo

Em entrevista realizada com Flávio Rosário⁵, estudante Bijagó da Unilab, o mesmo enfatiza que os Bijagó consideram a existência da vida depois da morte no lugar conhecido como “*Unhocomo*”, o mundo dos ancestrais (ROSÁRIO, 2018). Se uma pessoa morrer está sempre entre os vivos e tem sempre poder de intervir no mundo dos vivos. Por exemplo, se um Bijagó for morto de uma forma inesperada ou de haver suspeita de feitiço, suas famílias podem enterrá-lo com uma faca para que possa vingar ou matar o responsável pela sua morte. Um Bijagó pode ser enterrado dentro da casa, na varanda e não havendo um cemitério específico no qual este povo deve sepultar os mortos.

Diante disso, Unhocomo é uma ilha onde reside as almas de qualquer que seja o Bijagó morto, sendo a ilha de Soga o lugar onde um Bijagó pode ter acesso para comunicar-se com as almas das pessoas mortas. Nesta senda, para que alguém tenha acesso a esse lugar é necessário conversar com os anciãos e explicá-los as pretensões de conversar com alma da sua família que se encontra no país dos ancestrais (Unhocomo). Estes o levarão a este lugar sagrado, juntamente com aguardente e tabaco trazido por pessoa interessada em se comunicar com a alma. A aguardente serve para derramar a fim de chamá-la a comunicação. No entanto, quem for falar com a alma da pessoa morta não deve sentir receio, caso contrário não conseguirá realizar a sua comunicação. Nesta perspectiva, esse ato de comunicar acontece, exclusivamente, no momento em que houve a realização da cerimônia do fanado, que não se efetua frequentemente. Por outro lado, não há separação plana entre céu e a terra dos vivos e mortos, porque ambos vivem juntos na terra.

Na entrevista feita com outro discente da Unilab, Magnusson Da Costa⁶, destaca que Unhocomo não se constitui uma ilha onde residem almas dos Bijagós mortos. Haveria, segundo o mesmo, uma explicação "mítica" criada em volta desse lugar, em decorrência da sua distância em relação às demais ilhas. Magnusson acrescenta que o

⁵ Flávio Rosário- estudante guineense da UNILAB de curso da Pedagogia, pertence ao povo Bijagó da ilha de Bubaque. Concedeu, a mim, uma entrevista no dia 24 de Setembro de 2018 na qual respondeu as seguintes questões: Existe a vida após a morte para os Bijagó? Existe um lugar específico de sepultamento dos Bijagó? Aonde se reside a alma de um Bijagó morto? Em que lugar é possível se comunicar com a alma de ente querido? Existe uma separação plana entre céu e terra dos vivos e mortos?

⁶ Magnusson Da Costa- estudante guineense da UNILAB de curso da História, pertence ao povo Bijagó da ilha de Orango Grande. Concedeu, a mim, uma entrevista no dia 26 de Setembro de 2018 na qual respondeu as seguintes questões: Onde fica situado o mundo dos ancestrais para os Bijagó? Ilha de Unhocomo tem um significado histórico para os Bijagó?

país dos ancestrais se encontra em qualquer que seja ilha habitada por este povo na zona de poente solar, ou seja, caída do raio solar (Kopakepa). Portanto, toda ilha tem o mundo dos ancestrais ou caída do sol (Kopakepa) e lá vão permanecer as almas. Neste sentido, há sempre uma exortação aos mais novos para que não deitem com a cabeça na cama em posição do poente solar, porque exclusivamente os mortos que devem ser colocados nessa posição quando do sepultamento.



Figura nº 02 destaca a ilha de Unhocomo⁷ com a seta da cor azul e a ilha de Soga⁸ com a da cor verde.

5.6 Outros estudos sobre a morte

Como salientado, a morte e os sentidos da morte variam em relação aos diferentes contextos culturais. Por isso a presente pesquisa poderá contribuir para o aprofundamento sobre o tema da vida e da morte desde o ponto de vista Bijagó, o que permitirá comparações com outras realidades culturais já pesquisados pela literatura.

Em um estudo clássico da antropologia, Evans-Pritchard (2005, p. 37-78) evidencia que os Azande consideram que boa parte das mortes tem uma causa, sendo a maior parte destas associadas à bruxaria. Segundo autor, não haveria morte sem motivo,

⁷ Unhocomo- ilha na qual vivi almas dos Bijagós mortos.

⁸ Soga- ilha na qual os Bijagós se comunicam com as almas das pessoas mortas.

sendo resultado de alguma inimizade. Por outro lado, nem todas as mortes são atribuídas à bruxaria, as mortes de bebês causadas por certas doenças são geralmente atribuídas ao Ser Supremo. Do mesmo modo, se um homem fica súbita e violentamente doente, morrendo logo a seguir, seus familiares podem ter convicção de que um feiticeiro fez magia contra ele, e não um bruxo o matou. Uma quebra das obrigações entre irmãos de sangue pode exterminar grupos inteiros de parentes; assim, quando irmãos e primos estão a morrer uns após outros, é ao sangue, e não à bruxaria que as outras pessoas atribuirão às mortes, embora familiares dos mortos procurem vingar vingá-los nos bruxos. Portanto, quando morre um homem idoso, os não-aparentados dizem que ele morreu de velhice, mas não o fazem em presença de parentes, estes declaram que a bruxaria foi responsável pela morte.

Analisando o contexto do povo Ioruba, Agni e Senufo, Leite (2008) define as cerimônias fúnebres como um veículo que possibilita à sociedade efetivar a mudança crucial do ser humano que basea do final da vida no espaço terrestre, a sociedade, vendo-se diante da morte, organiza-se urgentemente a fim de conceder a continuidade à existência do homem, desta feita vivida no país dos ancestrais. Cerimônias fúnebres têm duas dimensões, entre as quais: ritos de passagem e ritos de permanência (LEITE, 2008, p. 104).

Para Leite, os ritos de passagem têm início logo após o obito e uma de suas manifestações revelam a necessidade de caracterizar socialmente o término da existência visível no instante mesmo da desunião dos princípios vitais que se encontram sob processos desestabilizadores e exclusivamente agudos: *Aona*, "o corpo", que guarda certas qualidades, e *Woa*, *Woe*, o "duplo", que ainda não fugiu integralmente do corpo e *Ekala* encontra-se em contexto muito difícil, pois somente o tempo e a sociedade poderão ajudá-lo a andar-se em direção ao mundo dos ancestrais, *Ebolo*, no qual não penetrará a não ser posterior cumpridas as cerimônias funerárias. Por outro lado, os demais atos que pertencem aos ritos de passagem, inerentes às relações estipuladas entre o mundo terrestre e *Ebolo* nas faces de separação dos elementos vitais, são as confissões, o divorcio mágico dos conjugues, a separação dos filhos e as cerimônias de purificação.

Neste contexto, quando a pessoa falecida é um homem, a viúva ou viúvas confessam seus eventuais atos de infidelidade e outros considerados opostos a cortesia e bom procedimento devidos ao esposo, assim como declaram sua disposição em resolver os problemas de dívidas e diferenças pessoais envolvendo o defunto. Anteriormente,

esses atos de conuições eram feitos publicamente e a frente do cadáver, no entanto, atualmente são reservadas. Também, as doações alimentos, bebidas e dinheiro compõem uma partícula integrante dos ritos de passagem e constituem atos categóricos para inúmeras pessoas, incluindo os parentes das famílias enlutadas e os solidários.

Contudo, as doações de demais elementos da comunidade não são obrigatórias, todavia, caso sejam feitas, estabelecem um princípio de reciprocidade. Portanto, quando se trata de uma notoriedade ligado ao rei, pressupõe que estes veem-se normalmente obrigados a contribuir. As cerimônias, esse *Butewe*, marcam o final dos ritos de passagem e depois fixam uma data sobre qual as cerimônias dos ritos de permanência, que podem ocorrer até longo tempo depois da morte (LEITE, 2008, p.105-109).

Já os ritos de permanência são marcados pelo momento do funeral. Nesta cerimônia, as declamações e sacrifícios constituem-se em atos pelos quais a comunidade pronuncia solenemente ao morto a sua mudança do estado para o de ancestral. As palavras são declamadas justamente ao *Ekala*, que o permita saber da separação definitiva e fina em processo, dando início aos grandes funerais. Ao decorrer desses discursos evitam-se argumentos evidentes sobre a causa da morte, utilizando-se outros mecanismos necessários e viáveis com vista a indicar a mutação vital de estado, com a explicação sobre qual remete a perceber que a cabeça da pessoa tocou a terra, ou de que houve a partida para *Anahole* ("o país da verdade"), talvez o mesmo *Ebolo*, o país dos ancestrais. Essa cerimônia predomina-se o silêncio e ruídos são evitados para mostrar o respeito pelo momento, mas após o seu término torna ruído, porque são disparados vários tiros de espingarda acompanhada dos sons de tambores e marcando início formal dos grandes funerais em exposição pública (LEITE, 2008, p. 112-115).

Tomando como referência o contexto da Amazônia brasileira, Carneiro da Cunha evidencia que as causas da morte, para os índios Krahó, podem ser variadas, entre as quais: o "feitiço", a "doença", e o "acidente". Neste contexto, o acidente abrange a picada da cobra, queda, criança que nasce morta, e eventualmente suicídios. O Krahó procura morrer na casa materna, quando está agonizante, visto que isto inclui os homens casados que, quando adoecem são levados pelos consanguíneos para sua casa de origem. Não se deixa morrer na casa da esposa, a não ser que não tenha mais família. Se no caso a sua mãe estiver viva, um homem já maduro, e até chefe do grupo comunitário no qual reside, voltará para junto dela. (DA CUNHA, 1978, p. 12-23).

Percebe-se, a partir de três diferentes contextos culturais, as diferentes formas nas quais a morte é explicada em determinada cultura, não estando desvinculada dos seus aspectos cosmológicos. O presente projeto pretende contribuir para os estudos sobre cosmologia e morte a partir da perspectiva Bijagó.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso projeto é norteado por uma metodologia a ser seguida, sobre qual servirá de fio-condutor de todo o processo de pesquisa. Ao longo do texto fizemos a escolha de tema e a sua delimitação, trazendo aspectos da caracterização sobre cosmologia Bijagó e literatura sobre rituais, cerimônias fúnebres e morte em outros contextos. Para sua realização, pretendemos seguir o método qualitativo. Conforme Gerard e Silveira (2009), "a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma determinada realidade social. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto de um modelo único de pesquisa para todas as ciências".

Ela terá também viés exploratório. De acordo com GIL (2016, p. 27), "as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. São desenvolvidas com o objetivo de pronunciar uma visão geral acerca de determinado fato".

O projeto de pesquisa assentará numa orientação etnográfica alinhada à revisão bibliográfica sobre os Bijagó. Algumas informações preliminares já estão sendo arroladas junto aos nossos interlocutores da Unilab, os próprios estudantes Bijagó que tem contribuído para a presente pesquisa. Pretende-se fazer um mapeamento desses estudantes, referenciar seus lugares de origem e sistematizar seus conhecimentos sobre a morte e o mundo dos ancestrais. Eles nos darão, também, os contatos de lugares e pessoas que serão nossas interlocutoras durante a pesquisa de campo na Guiné-Bissau. Pretende-se que ela seja realizada em um período de dois meses, a partir de terceiro semestre do curso de Ciências Sociais. O contexto etnográfico será na região de Bolama, com possibilidade de incursão às ilhas de Bubaque, Orango, Unhocomo e Soga.

Como mencionado acima, Unhocomo é o destino dos mortos, e cuja comunicação com os vivos se faz a partir de alguns rituais junto aos anciões na ilha de Soga. Daí a importância de realizarmos a pesquisa nesses lugares para compreendermos as relações estabelecidas entre os vivos, os mortos, as técnicas de contato com os mortos e o mundo dos ancestrais. O trabalho de campo permitirá vivenciar a experiência etnográfica baseada na observação participante, com vivências nas dinâmicas cotidianas da localidade a ser investigada, e realização de entrevistas semi-estruturadas, com foco nos anciões, que são os que fazem as comunicações com os mortos.

Segundo Oliveira (1995, p. 15-18), a etnografia possui três momentos estratégicos que orientam a eficácia no trabalho antropológico, entre os quais: o olhar, o ouvir e o escrever. O Olhar e o Ouvir são considerados como os atos cognitivos fundamentais no trabalho de campo, por estarem implicados na relação de atenção e imersão junto aos interlocutores de pesquisa e, é no ato de Escrever, que se realiza a configuração final produto, trazendo para o texto a dimensão do vivido nas experiências etnográficas.

Além da etnografia será realizada pesquisa bibliográfica, conforme Marconi (2015, p. 43), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada sobre determinado tema, em forma de livros, revistas, produção acadêmica, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto. Para a presente pesquisa, pretende-se investigar material disponibilizado nos acervos e na revista *Soronda*.

7. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	SEMESTRES 1	2	3	4	5
Revisão Bibliográfica	X	X	X	--	--
Pesquisa de Campo	--	--	X	--	--
Analises dos dados e leitura	--	--	X	X	--
Execução da pesquisa	--	--	--	X	X
Redação do projeto	--	--	--	--	X
Análise final dos dados e entrega final	--	--	--	--	X

REFERÊNCIAS

- BECKER, S. Howard. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.
- CARDOSO, Augusto. **Saberes e práticas tradicionais da etnia bijagós e suas relações com a organização, a gestão e a conservação da biodiversidade na GuinéBissau**. UFBA, Salvador-Bahia, 2010.
- DA CUNHA, Manuela Carneiro. **Os mortose os outros, uma análise do sistema funerário e da nação de pessoa entre os índios krahó**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1978.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Unicamp. 1995.
- EVANS-PTRITHARD. Edward Evan. **Bruxaria, oráculos entre Azande**. Edição resumida e introdução, Eva Gillis; tradução Eduardo Viveiros de Castro.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. UAB/UFRGS. Planejamento e Gestao para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed.-7. Reimpr.-São Paulo: Atlas, 2016.
- KIPP, Eva. **A origem de tudo**. Disponível em: (. Acesso em: 20 julho de 2018.
- LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia de trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos- 7.ed.rev.ampl**. São Paulo: Atlas, 2015.225p.
- Mapa dos Arquipélagos do Bijagós**. Disponível em: . Acesso em: 24 de Setembro de 2018.
- SCANTAMBURLO, Luis. **Etnologia dos bijagós da ilha de bubaque**. Thesis de Master of Arts em Antropologia na Universidade Wayne State, de Detroit (Michign, U.S.A.), 1978.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**.23.ed. ver. E arual. – São Paulo: Cortez, 2007.
- SIMÕES, Landerst. **Babel negra, etnologia arte e cultura dos indígenas da Guiné**. 1972